

# A TRAJETÓRIA DE EMPODERAMENTO DE MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

**Adriana Lucinda de Oliveira**

*Resumo: O artigo analisa o processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras nos Empreendimentos de Economia Solidária. As iniciativas solidárias possibilitam a vivência grupal, a experiência coletiva de tomada de decisões, o acesso à educação, a ocupação dos espaços públicos. Discutimos essas temáticas através das trajetórias de empoderamento psicológico, social e político de mulheres, apresentando os desafios, possibilidades e conquistas.*

*Palavras-chave: mulheres; empoderamento; Economia Solidária.*

O presente artigo integra parte das discussões realizadas na dissertação de mestrado em Serviço Social, na qual analisamos, através do método biográfico; a trajetória ocupacional de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de Economia Solidária.

A pesquisa evidenciou a presença das mulheres nos empreendimentos, bem como seu protagonismo e a capacidade de constituir espaços de geração de trabalho e renda a partir das atividades apreendidas ao longo da socialização: cozinhar, limpar, costurar, bordar, fazer artesanato. Essas atividades constituíram-se como pertencentes ao espaço privado, ou atividades “tidas como femininas”, entretanto, caracterizam-se em um dos potenciais da Economia Solidária.

Considerando o protagonismo das mulheres nas iniciativas solidárias, essas experiências podem contribuir a médio e longo prazo para a ruptura e superação da visão androcêntrica, das relações discriminatórias e dos múltiplos mecanismos de negação das especificidades femininas. Dada à complexidade desses elementos, a mudança, a superação e o questionamento devem partir do espaço do vivido, das relações, das consciências, da práxis. Lagarde afirma a importância de reconhecer os espaços da

vida cotidiana, privada e pública, pessoal e institucional nos quais prevalece a solidariedade, colaboração e o pacto, como princípios de relação entre mulheres e homens, como também da eliminação da segregação genérica (LAGARDE, 1996, p.140).

No entanto, um dos principais desafios é a incorporação dessa lógica pelas próprias mulheres, haja vista que suas consciências, seus olhares também estão influenciados pela subalternidade, pela supremacia dos homens, pela desigualdade. A lógica dominante impregnou as mulheres da responsabilidade de “ser para os outros”, ou seja, a vida das mulheres tem no centro a satisfação das necessidades dos outros (filhos, companheiro, comunidade).

A desconstrução dessa lógica e a emergência do “ser para si” requerem a análise das práticas, a inclusão das mulheres e o exercício da participação. Neste sentido, os empreendimentos de Economia Solidária podem possibilitar esse processo, à medida que seguirem os princípios de democracia, solidariedade e cooperação.

A vivência em grupo é outro elemento que contribui para esse desafio, pois facilita o debate, a visualização dessas temáticas e a elaboração de estratégias de mudança. Assim, as mulheres têm na Economia Solidária mais um caminho para tornarem-se sujeitos políticos, pessoas empoderadas que a partir de suas especificidades interferem nas decisões, constroem o presente e o futuro.

## **A Contribuição do Método Biográfico**

A metodologia qualitativa tem uma importância significativa para os estudos na área das ciências humanas por possibilitar investigações que apreendem as subjetividades, os significados, as representações das pessoas e dos grupos. Além disso, esse enfoque investigativo focaliza e valoriza a

perspectiva dos agentes envolvidos para a compreensão, reconstrução e explicação de processos sócio-históricos e culturais.

Entre as abordagens qualitativas, utilizamos o método biográfico, que, através das modalidades histórias de vida, relatos orais e trajetórias, têm possibilitado estudos que evidenciam a riqueza das especificidades das narrativas, das percepções, do vivido. A pessoa, ao fazer seu relato, apresenta uma concepção de apropriação e um tipo de interação com o grupo. Interação e apropriação são, portanto, processos singularizados em cada história de vida e no nível de cada formulação ou juízos qualitativos emitidos pelos próprios indivíduos que narram, relatam e reinterpretem, de um modo singular, o momento vivido. (MARRÉ, 1991, p. 132-133).

Partindo de relatos individuais, o método biográfico propõe a identificação e reconstrução de um constructo, uma síntese, uma unidade de pesquisa que identifica um grupo e que constitui o que Marré denomina de totalidade sintética, ou seja

uma maneira sintetizada de cada indivíduo apreender o social, narrá-lo, reconstruí-lo. Não haverá compreensão profunda dos elementos, frases, eventos, proposições incluídos na história de vida, se não há uma grande atenção ao caráter sintético da reconstrução de todos os elementos singulares (MARRÉ, 1991, p. 132).

Marré acrescenta ainda que o/a pesquisador/a necessita realizar uma leitura descontínua de cada história de vida, ou seja, as trajetórias não são lineares, mas sim marcadas por rupturas, influenciadas pelo contexto, pelo devir, pelo grupo e tecidas de forma singular através de cada sujeito. Sendo assim, o método biográfico proporciona a apreensão das especificidades, valoriza as singularidades e busca decifrar os conteúdos.

Tendo como referência essas reflexões, utilizamos o método biográfico na modalidade trajetória de vida. Essa modalidade permite o debruçar-se sobre alguma fase, ciclo ou atividade da vida, evidenciada por uma questão de pesquisa. Reconstruir uma trajetória significa colocar luz em um determinado percurso da vida do/a entrevistado/a, tendo presente que esse aspecto da vida destacado está em intrínseca correlação com todas as outras dimensões da vividas.

Assim, desenvolvemos a trajetória ocupacional de mulheres integrantes de empreendimentos de Economia Solidária, com vistas a identificar as outras experiências laborais por elas experimentadas; os caminhos que as levaram para a constituição ou ingresso em um empreendimento solidário e os seus processos de empoderamento.

Para a realização das entrevistas, utilizamos como técnica a entrevista semi-dirigida, centrada no problema de pesquisa. Esta é uma das variantes das metodologias qualitativas utilizadas, principalmente, em construções biográficas, em que se estabelece um “fio condutor”, de acordo com a problemática de pesquisa (LISBOA, 2000, p. 30).

O fio condutor elaborado é constituído pelos seguintes componentes: a) origem da entrevistada, local de nascimento, cotidiano familiar, número de filhos, estado civil, características culturais; b) processo de trabalho, locais onde trabalhou, estratégias de sobrevivência, tempo de permanência, remuneração (diferença entre homens e mulheres), dinâmica interna das instituições (decisões, funcionamento, participação), motivos da saída, como chegou ao empreendimento de Economia Solidária; e finalmente, c) o cotidiano e a trajetória de cada mulher nos diferentes empreendimentos, a dinâmica interna (divisão de tarefas e funções), os limites e possibilidades, as relações interpessoais e grupais, as concepções de solidariedade, poder e Economia Solidária.

Participaram da pesquisa oito mulheres de cinco empreendimentos<sup>1</sup> de Economia Solidária pertencentes ao Vale do Itajaí, região precursora na constituição de empreendimentos urbanos de Economia Solidária no estado de Santa Catarina. Foram entrevistadas quatro mulheres que ocupam espaços de liderança nos empreendimentos e/ou no Movimento da Economia Solidária e quatro mulheres que não ocupam cargos de liderança.

O interesse por essa temática foi despertado pela trajetória pessoal de participação no Movimento da Economia Solidária e pelos estudos sobre gênero e trabalho.

## **A Economia Solidária como um movimento de resistência**

A Economia Solidária tem a sua emergência na realidade brasileira a partir da década de 1980, se intensificando na década de 1990. Caracteriza-se como uma resposta à crise do mundo do trabalho,<sup>2</sup> bem como um posicionamento dos/as trabalhadores/as e da sociedade civil em contraposição aos reflexos trazidos pela acumulação flexível.<sup>3</sup> Desta forma, emerge no movimento da sociedade civil, a partir de vários sujeitos e grupos que, ao longo da trajetória histórica, vêm tecendo não apenas uma alternativa de geração de trabalho e renda para a classe trabalhadora, mas principalmente relações econômicas, políticas e sociais pautadas em uma lógica não-capitalista. Caracteriza-se, assim, em uma proposta

contrária à prática funcional capitalista, sendo, portanto, transformadora do sistema vigente. A Economia Solidária não se resume a ser uma alternativa de combate ao desemprego, mas vai mais longe, configurando, através de práticas-propositivas, uma negação da economia e da sociabilidade capitalista, pois gesta em seu ventre uma vontade transformadora da sociedade contemporânea (LISBOA, 2003, p. 277).

A Economia Solidária abrange várias iniciativas: cooperativas, associações, empresas autogestionárias ou co-gestionárias,<sup>4</sup> é mediada por valores de cooperação, democracia, autogestão.

Entre esses, destacamos a autogestão, que se caracteriza em importante instrumento para o trabalho coletivo, não apenas para o processo de tomada de decisão, mas principalmente para o fortalecimento do sentimento de pertença de cada trabalhador/a no empreendimento solidário, através da transparência, da comunicação, da co-responsabilidade, da interajuda.

A perspectiva da Economia Solidária propõe o enfrentamento da lógica de produção capitalista, da exploração, da exclusão, através de uma forma de organização que busca superar a separação entre capital e trabalho e garantir que os produtores acessem aos meios de produção, conheçam todo o processo e além de produzirem, gerenciem seu trabalho e usufruam os resultados do mesmo. A Economia Solidária surge como modo de

produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. A Economia Solidária casa o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição (da produção simples de mercadorias) com o princípio da socialização destes meios (do capitalismo) (SINGER, 2000 p. 13).

As iniciativas solidárias representam um espaço portador de alternativas societárias, de politização<sup>5</sup> das relações da vida, das relações de gênero, de empoderamento social e de construção da cidadania. Singer<sup>6</sup> contribui com a seguinte reflexão ao afirmar que para os trabalhadores e trabalhadoras que

foram estigmatizados por serem pobres – sobretudo mulheres e negros, vítimas da discriminação por gênero e raça – a experiência cooperativa enseja verdadeiro resgate da cidadania. Ao integrar a cooperativa, muitos experimentam pela primeira vez em suas vidas o gozo de direitos iguais para todos/as, o prazer de poderem se exprimir livremente e de serem escutados/as e o orgulho de perceber que suas opiniões são respeitadas e pesam no destino do coletivo (SINGER, 2000 p. 27).

Dado o fenômeno da feminilização da pobreza, as iniciativas solidárias trazem à tona o debate acerca das relações de gênero e trabalho, tema presente na sociologia, a partir das inúmeras análises e denúncias das discrepâncias no acesso e nas condições de trabalho para homens e mulheres. As experiências solidárias têm demonstrado um “terreno privilegiado para exercitar novas práticas e proporcionar vivências de igualdade e de autonomia para as mulheres” (NOBRE, 2003, p. 211).

A Secretaria Nacional de Economia Solidária em parceria com as Delegacias Regionais do Trabalho está realizando um mapeamento de todos os empreendimentos de Economia Solidária no país. O processo está em andamento, porém a previsão é que, até o mês de outubro de 2005, aproximadamente 700 pesquisadores/as visitem cerca de 20 mil empreendimentos solidários em todo o Brasil.<sup>7</sup> O mapeamento não possui, no momento, dados acerca do número de trabalhadores e trabalhadoras, contudo, os técnicos que atuam nas assessorias confirmam a presença significativa

de mulheres nos empreendimentos. Uma expressão desse dado foi o número de trabalhadoras que participaram do I Encontro Nacional de Empreendimentos de Economia Solidária que ocorreu em Brasília, em agosto de 2004. Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, estiveram presentes no referido encontro 2.349 pessoas, sendo que 1.344 mulheres, ou seja, 57% dos participantes.<sup>8</sup>

Outro dado significativo refere-se ao tipo de empreendimento.<sup>9</sup> Tem lugar de destaque na Economia Solidária o artesanato, a confecção e a produção de alimentos. Todas essas são, historicamente, atividades relacionadas ao universo do fazer feminino.

### **O empoderamento de mulheres nos empreendimentos de Economia Solidária: diferentes níveis, ritmos e trajetórias**

O empoderamento consiste na importância de aumentar o poder e controle sobre as decisões e problemáticas que determinam a vida. Refere-se ao poder de defesa das especificidades das mulheres, da luta pela igualdade com os homens no acesso a direitos e aos espaços deliberativos.<sup>10</sup> O empoderamento das mulheres se entrecruza com as dimensões de gênero, raça/etnia, classe, cultura, história. Defende o acesso a recursos, vantagens, informações, serviços e, principalmente, a participação das mulheres. O empoderamento das mulheres

implica o desaparecimento dos mecanismos de poder patriarcais fundados na opressão das mulheres e necessita mudar normas, crenças, mentalidades, usos e costumes, práticas sociais e construir direitos das mulheres hoje inexistentes (LAGARDE, 1996, p. 112)

O enfoque adotado centrou-se na investigação das possibilidades de empoderamento através de práticas coletivas e solidárias, de experiências grupais, considerando que os processos de empoderamento são frutos de uma trajetória em que interagem, vivenciam, trocam, divergem vários sujeitos. Consistem em uma lógica envolvente, inclusiva, reflexiva na qual ninguém se empodera sozinho. É sempre dinâmica, os envolvidos, cada um em seu ritmo, crescem, refletem, encontram sua irreverência e sua autovalorização.

Lisboa (2003b p. 23) reforça essa afirmação ao considerar que

a categoria empoderamento surge exercendo forte influência no meio acadêmico, a partir da década de 1990, para analisar o processo pelo qual pessoas, organizações sociais ou comunidades criam o seu próprio espaço vital, tanto social como ecológico, e a partir dele aprendem a lidar criativamente com situações-problema e em função de suas necessidades básicas; o enfoque é centrado na força e na capacidade das pessoas de descobrir e desenvolver suas capacidades para vencer e superar seus problemas tanto individuais como socioestruturais.

Podemos conceber empoderamento também como: “todo acréscimo de poder que, induzido ou conquistado, permite aos indivíduos ou unidades familiares aumentarem a eficácia do seu exercício de cidadania” (FRIDEMANN, 1996, p. VIII).

Ampliar o acesso das mulheres à cidadania significa valorizar a trajetória de suas lutas e reivindicações para inserir-se nos processos decisórios, no combate à discriminação, ao machismo, à dupla jornada de trabalho, haja vista que homens e mulheres vivenciaram e vivenciam trajetórias históricas, culturais, sociais, políticas diferenciadas, “o reconhecimento público da diferença de gênero, permite redesenhar o traçado da cidadania, não só no feminino, mas em geral” (GALEOTTI, 1995, p. 236).

O acesso à cidadania como indicador de combate à injustiça e à exclusão sociais tem sido defendido pelos movimentos sociais, com destaque para o feminista. Contudo, sabe-se que ante as marcas de discriminação e subalternidade existentes no universo feminino, o acesso à cidadania requer a desconstrução da supremacia do paradigma patriarcal e a elaboração de novas práticas, de um outro imaginário na vida cotidiana que conceba cada pessoa, independente, de gênero, raça/etnia e classe, como ser humano. Esse processo de desconstrução e construção trazem consigo a necessidade de sujeitos políticos protagonistas, defensores e praticantes dessa concepção e principalmente a ressignificação do espaço das mulheres, com visibilidade e poder.

Neste sentido, é fundamental a compreensão de poder como uma prática social construída historicamente e que possui:

uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa (FOUCAULT, 1979, p. XIV –XVI).

Na perspectiva de uma rede de interações, Fridemann destaca três pilares do empoderamento: o social, o psicológico e o político, que constituem uma tríade intermitente. Afirma que, no caso das mulheres, essa tríade de empoderamento constitui uma “rede social de relações de empoderamento que tem um potencial extraordinário para a mudança social” (FOUCAULT, 1979, p.125). Assegura também que a ação coletiva intensifica o processo de empoderamento social, psicológico e político das mulheres, através da mobilização social, do acesso a bases de poder, do debate de questões como divórcio, aborto, a paz, o ambiente, o trabalho e o custo de vida.

As entrevistas realizadas demonstraram diferentes trajetórias de empoderamento, com distintos ritmos e níveis. A vivência grupal é o principal potencializador desses processos, à medida que é através dos grupos que as mulheres têm acesso à informação, trocam idéias, refletem sobre suas dificuldades, produzem, discutem, crescem, se empoderam.

A tríade de empoderamento formulada por Fridemann foi nossa principal referência. Para facilitar a análise, trabalhamos separadamente o empoderamento social, político e psicológico.

### **Empoderamento psicológico**

O empoderamento psicológico refere-se à percepção da força individual, manifestando-se em um comportamento autoconfiante. É muitas vezes resultado de uma ação vitoriosa nos domínios social ou político, embora possa resultar também de um trabalho intersubjetivo. O sentimento de pertença, o resgate da auto-estima, os processos empáticos no grupo, a valorização de cada integrante interferem na auto-imagem. O aumento da auto-estima relaciona-se à mudança de mentalidade dos participantes do grupo em relação às suas capacidades, a apreensão da realidade, a participação no processo decisório, ao acesso à qualificação, a ampliação de suas capacidades de trabalho e a agregação de renda. Esses elementos interferem no posicionamento das mulheres no âmbito familiar e na comunidade em geral. O depoimento abaixo aborda as mudanças advindas do empoderamento psicológico:

a gente sempre foi funcionária, operária e dona de casa. Minha vida era assim da fábrica pra casa, em casa lavar roupa, limpar, fazer compra e hoje em dia não tem mais isso de fazer comida pro marido, pros filhos, eu criei uma independência total. Eu aprendi até a deixar os meus filhos se virar sozinho, que antes a gente dava tudo *de mão beijada* e vivia só pra eles e agora não. Acabei acordando pra vida! Sabendo que uma mulher não é só para ficar atrás de um fogão e cuidar dos filhos entende? Se aparece uma oportunidade de viajar, fazer um curso e eu posso ir *eu vou*. Eu aprendi a criar uma independência, a me valorizar e saber que eu sou útil, que *eu posso*, saber que *eu sou capaz*, que não vai haver discriminação na minha frente, porque o negócio é meu e eu estou apostando nele e que eu posso contar com os amigos que eu criei.

As afirmações “eu sou capaz”, “eu posso”, “eu vou” expressam a tomada de consciência de suas capacidades e potencialidades. Esse processo subjetivo é fundamental, haja vista a necessidade de desconstruir as imagens instituídas, os papéis predeterminados para as mulheres. Neste sentido, o questionamento da desigualdade de gênero para as mulheres traz à tona a autonomia, a capacidade de ir, fazer, desenvolver-se, rompendo com a subalternidade, com a dependência masculina, como podemos observar no depoimento a seguir:

Eu me sinto orgulhosa de fazer parte da Associação sendo mulher, enquanto mulher e de poder buscar e saber que eu também posso. Não precisei colocar um homem dentro de casa pra viver as custas dele e aturar tudo de novo. Meu marido não deixava eu trabalhar fora, então vivia toda a vida ali e quando tinha aquela briguinta ele dizia: “eu não deixo faltar nada, não deixei tu passar fome”. Agora eu me autorizo a fazer aquilo que eu quero. Então eu me sinto orgulhosa, eu trabalho aqui e não preciso de um homem pra sobreviver, me sinto orgulhosa de poder me incluir em alguma coisa.

Outro fator que interfere no empoderamento psicológico é a ocupação dos espaços públicos, considerando que historicamente as mulheres estavam “restritas” ao privado. As iniciativas solidárias possibilitam a ocupação dos espaços públicos,<sup>11</sup> a visibilização das mulheres. O depoimento abaixo retrata a saída do espaço privado:

Porque dez anos em casa cuidando das crianças, de repente você faz parte de um grupo, daí vai vender, vai na universidade, que pra gente era um lugar fechado, vai na Prefeitura, vai nas feiras. Você vê aqueles feirantes de anos e a gente lá igual a eles! Daí depois veio a imprensa. Isso mesmo deixou o grupo nas nuvens, foi muito bonito. Até tem uma senhora que foi comprar tecido, daí disseram: “Vocês são daquele grupo que saiu no jornal?”

Essa mesma entrevistada traz outro exemplo que contribui para visualizarmos seu processo de empoderamento psicológico:

*Um dia eu tive que trocar um cheque e eu quase tive um enfarto, porque eu nunca saía de casa! Saía só pra ir ao médico ou pra ir à casa dos pais. Então participar do grupo me fez ir a reuniões, em cursos, em entrevistas na imprensa! Mudou totalmente a minha vida.*

Para muitas mulheres, o acesso ao trabalho e à renda significa a possibilidade de subsistência da família, de maior autonomia dos companheiros, do serviço público ou dos projetos caritativos, bem como uma alternativa para inserirem-se nos espaços públicos. Para as mulheres contemporâneas, o trabalho é uma área central de suas vidas e de sua auto-realização. Obtêm estatuto social, reconhecimento e valorização não somente econômica senão social e simbólica. Isso lhes dá o poder de viver (LAGARDE, 1996, p. 203). Os depoimentos abaixo demonstram a relevância dessa atividade:

*eu me sinto bem com esse tratamento que a gente tem, as coisas do dia-a-dia a gente tem autonomia de decidir.*

*não tem esse negócio dos outros quererem me desqualificar, desclassificar, me diminuir por causa da minha simplicidade.*

Ainda com relação ao empoderamento psicológico, destacamos a reflexão de uma das entrevistadas que trouxe a questão étnica, ao referir-se ao empoderamento das mulheres negras no grupo. Segundo essa entrevistada, as mulheres negras demonstravam-se desconfiadas ante as brancas e com uma tendência a isolar-se. Ao ser questionada acerca das estratégias que o grupo utilizou para debater e superar essa desigualdade, a mesma afirmou que o fato de não terem padrão possibilitou às mulheres negras<sup>12</sup> uma outra relação com as brancas:

Elas viram que a opinião delas era igual a das outras e elas foram crescendo diante de seus próprios olhos. Isso é uma coisa incrível, só quem viveu todos esses anos vê como essas negras, analfabetas, desdentadas... Eu não falo assim debochando, eu falo com orgulho delas de ver como elas cresceram aos olhos delas, de às vezes chegar uma pessoa aqui e querer impor uma coisa e elas dizer não. Às vezes vem um engratado e elas dizem não, nós não queremos. Não é assim aqui! Acho que isso foi o trabalho de grupo, as palestras, as conversas, o trabalho.

A partir desses depoimentos, constatamos a importância do resgate da auto-estima, da valorização, da conquista de espaços para o empoderamento psicológico das mulheres. Evidenciamos também que esse processo ocorre com uma interferência direta do processo grupal, através de uma sinergia entre os/as participantes, em que cada uma “serve” de espelho para a outra ir adquirindo autoconfiança. “Às vezes eu achava que o mundo girava ao meu redor, que só eu tinha problemas e a gente vê que não é assim”. A melhoria na auto-imagem corrobora o acesso ao poder social e político.

## **Empoderamento Social**

O empoderamento social compreende o acesso à informação, ao conhecimento, à participação em organizações sociais e aos recursos financeiros. Refere-se aos níveis educacionais<sup>13</sup> e ao acesso a outras técnicas laborais.

As mulheres empobrecidas dificilmente tiveram acesso a escolaridade. Muitas cursaram alguns anos e por motivos econômicos acabaram se afastando dos estudos para cuidar dos irmãos pequenos, de pessoas idosas ou doentes na família. A partir do momento que passaram a ter seus

companheiros, as dificuldades de ter acesso à educação referem-se à proibição dos maridos ou ao cuidado com os filhos. Na proposta da Economia Solidária, o processo de educação e qualificação é um de seus princípios de sustentação. A apropriação do conhecimento gera criticidade, amplia horizontes, traz independência. Sendo assim, os empreendimentos da Economia Solidária têm possibilitado a participação em projetos de educação de adultos<sup>14</sup> e de cursos de qualificação técnica. O relato abaixo demonstra o quanto o acesso à educação é potencializador:

*eu aprendi que nunca é tarde pra nada, eu retomei meus estudos e agora eu não quero parar! Faz um ano e meio que eu estou estudando! Num colégio assim, no meio dos jovens é totalmente diferente do projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos), que faz parte do cooperativismo também. Estais te alfabetizando e ao mesmo tempo participando e aprendendo mais sobre cooperativa, Economia Solidária é uma troca de idéias bem legal, que dá força e impulso.*

O acesso a informações referentes à saúde, serviços públicos, configurações políticas contribui para a retroalimentação do processo de conhecimento, considerando que saber é poder. O autodesenvolvimento das mulheres é permeado pela valorização de seu saber, bem como pela apreensão de novas informações que fundamentam seu posicionamento, que lhes dão argumentos, sustentação e autonomia.

*Eu fiz o curso de promotoras legais, que trabalhou com esse lado da violência nas famílias, principalmente contra mulheres. Foram oito meses e a gente aprendeu o básico sobre as leis, a história da violência contra as mulheres e também sobre os direitos.*

Neste sentido, tem relevância a intervenção dos agentes externos, como os responsáveis por facilitar o acesso às informações, contribuir e mediar o processo de organização do grupo, instrumentalizar seus integrantes socializando conhecimento, debatendo as problemáticas a partir da realidade vivida em cada grupo. O depoimento abaixo exemplifica alguns temas que emergiram em um empreendimento formado por mulheres.

*A assistente social MK discute com o grupo as questões do empreendimento, do funcionamento, da organização da produção, mas as outras assistentes sociais falavam do câncer precoce de útero, de violência contra a mulher, de como lidar com o drogado, com o alcoólatra.*

Muitas vezes o acesso à renda, à participação e qualificação possibilitam uma atitude de comprometimento, uma postura crítica, o reconhecimento da importância da ação de cada sujeito no processo de transformação, na busca por inclusão social, por cidadania.

Hoje acho que eu sou uma pessoa com um pouco mais de opinião, com mais conhecimento e com uma experiência bem legal e também com um pouco mais de atitude. Eu sou meia quieta, eu era mais fechada e agora acho que eu me comunico melhor com as pessoas, pelo fato de estar conversando com todos. Me sinto comprometida, participei aqui dentro e fora, conheci outras histórias. Antes de entrar na cooperativa, eu não tinha idéia que tinha tanta movimentação, tanto trabalho, tanta gente. Cada vez que eu vou em um encontro me surpreendo mais.

Destacamos outro depoimento que explicita as contribuições do debate nos grupos:

*As discussões trazem aprofundamento e uma visão diferenciada em cada espaço que você discute. Isso te ajuda a crescer um monte, te deixa com uma clareza, com argumentos, com facilidade para se expressar. Isso tudo só te ensina!*

Esse processo de comprometimento interfere na participação das mulheres em outros espaços de decisão, pois à medida que vivenciam o processo autogestionário, o lado organizacional tende a se ampliar para o resto da sociedade. Quem participa dentro do empreendimento pode visualizar a participação de grupos de moradores, de atividades políticas e sociais. É importante ter presente que

participar é muito mais do que votar de vez em quando e simplesmente fazer sugestões. Pressupõe poder de decidir, controlar o processo, avaliar e usufruir dos resultados, não apenas no sentido econômico e financeiro, mas das práticas sociais, culturais (ANTEAG, 2002, p. 53).

As entrevistadas, além de integrarem um empreendimento de economia solidária, participam de partidos políticos, associação de moradores, associação de pais e professores, conselho local de saúde, grupos religiosos. A participação em outros grupos relaciona-se ao empoderamento político,

à medida que as mulheres vão exercitando o ato de tomar parte e ser parte nas decisões, expondo suas opiniões e debatendo-as.

### **Empoderamento político**

O empoderamento político se expressa no processo de tomada de decisão, na apropriação do poder de ter vez, voz e da ação coletiva.

Os empreendimentos de Economia Solidária assumem o desafio de estimular o empoderamento político, já que fundamentam-se na articulação do binômio capital-trabalho, na apropriação coletiva dos meios de produção e dos resultados da produção, na prática da autogestão, na apreensão de todo o processo produtivo por todos os trabalhadores/as, na valorização de cada pessoa, na construção do coletivo, no compromisso com os outros trabalhadores, com as questões sociais e com a sustentabilidade ambiental. O relato abaixo demonstra o processo de politização:

a gente vai construindo toda uma consciência diferente ao participar de um grupo desse. O fato de sobreviver daquilo que um grupo constrói, que um grupo discute, faz você olhar o mundo diferente. Você olha o mundo de outro jeito, você vive no mundo de outro jeito, porque a tua referência é outra! Teu dinheiro não vem de um patrão que sei lá como ganhou aquele dinheiro para te pagar e tu não queres nem saber a forma. Ele veio de um conjunto de criação, daquilo que tu assumiste de compromisso com o outro, com o meio ambiente, com um mundo melhor! Então eu acho que isso já é uma transformação até no olhar da gente. Participar do movimento da Economia Solidária, não só dentro do meu empreendimento, mas ir em reuniões, participar de encontros, você conhece pessoas, discute, diverge, troca idéias, estuda, lê e recebe cursos.

A constituição de redes de colaboração entre os empreendimentos de Economia Solidária intensificam esse processo, principalmente por romper com o isolamento político dos trabalhadores. A relação em rede gera co-responsabilidade, sinergia, socialização de experiências, mútua ajuda entre os empreendimentos. Trata-se de

uma estratégia para conectar empreendimentos solidários de produção, comercialização, financiamento, consumidores e outras organizações populares (associações, sindicatos, ONG's, etc.) em um movimento de realimentação e crescimento conjunto, auto-sustentável, antagônico ao capitalismo (MANCE, 2003, p. 220).

Para Santos e Rodriguez "o êxito das alternativas de produção depende da sua inserção em redes de colaboração e de apoio mútuo" (SANTOS; RODRIGUEZ, 2002, p. 66). A articulação em rede garante a sustentação necessária para a viabilidade dos empreendimentos. É através da organização em redes que os/as trabalhadores/as participam de mobilizações, de feiras, seminários, congressos que são articulados pelos mesmos em parceria com as instituições que assessoram os empreendimentos. O depoimento que segue demonstra o significado da participação nesses eventos:

a gente tem muita oportunidade de fazer viagens, né, de ir em seminários, ajudar, participar dos projetos das cooperativas. Isso que sempre me deu força, que tá me dando força até hoje em dia pra apostar na cooperativa. É a chance que eu não tinha numa empresa antes. Participar, ajudar a tomar as decisões, participar de seminários, fazer cursos. Daí a gente cria um vínculo muito grande, a gente acaba conhecendo gente do Brasil todo. Já fui pra Lapa, pra Santa Maria, na Feira de Economia Solidária, tanto vendi como participei das oficinas, fui pra São Paulo, Joinville. Coisas que eu jamais um dia pensei que eu ia poder fazer e eu tô fazendo agora. Participei também da comemoração do dia do trabalhador, etc.[...] Fui representando a nossa cooperativa e muitas vezes eu também fui convidada para dar depoimento sobre a cooperativa, sobre o que é cooperativismo, através da Universidade e de Igrejas.

As viagens para participar de encontros e feiras, bem como para exercer a representação de seu grupo trazem às mulheres, além de um empoderamento político, a visibilidade, o reconhecimento, a ocupação de espaços de decisão, de construção da cidadania.

A cidadania compreende conceber todas as dimensões da vida como esferas a serem politizadas, sem fragmentação e sem privilegiar uma ou outra. Nessa perspectiva, cidadania é um processo em constante construção, que é gestado entre conflitos, lutas políticas, interesses e que aponta para a construção e difusão de uma cultura democrática. Abrange a percepção de que



todos os espaços e dimensões da vida são políticos e inter-relacionados e que são as pessoas, os sujeitos ativos que dão a esses espaços vida, sentido e que tecem aí a democracia.

A democracia é uma questão de tudo ou nada. A democracia seria plenamente digna de seu nome se os cidadãos tivessem o poder efetivo de serem ativos como cidadãos. [...] Pedir democracia é também pedir justiça distributiva. A democracia acarreta um compromisso com um conjunto de direitos e deveres fortalecedores (HELD, 1997, p. 75-81).

A prática da democracia no interior das iniciativas solidárias é tema conflitante e instigante, pois exige que cada integrante, ao sentir-se pertencente ao grupo, respeite e valorize o outro sem estabelecer hierarquias, correlações de força e disputa pelo poder. Esse é um dos dilemas das iniciativas solidárias, não reproduzir a lógica capitalista da competitividade, da concorrência, da separação entre quem pensa e quem faz, entre patrões e empregados.

Com certeza esse é um processo intermitente de exercício da cooperação, da solidariedade, da autogestão, da democracia, que necessita de articulação, de troca, de apoio. Os depoimentos abaixo retratam a importância e o desafio dessa vivência nos grupos:

*No trabalho eu tenho poder de influenciar numa decisão, poder de contribuir nas decisões.*

Eu sempre falo que trabalhar com gente é a coisa mais complicada e desafiadora que tem. Não é um botão que você conserta, que aperta, que ajusta[...] É a reunião, é a discussão, é a conversa.

O fato de todos sentirem-se com poder de decisão, de voz e vez é extremamente positivos, contudo, para que isso seja alcançado se requerem tempo, paciência, escuta e debate. O empoderamento político possibilita a elaboração de argumentos, o domínio de informações e o poder do saber. No entanto, demanda com isso a prática da solidariedade com o outro e principalmente o respeito pelos diferentes ritmos. Sem isso, o empoderamento político se descaracteriza e transforma-se em dominação, opressão, controle. Reforçamos, assim, a concepção de empoderamento político que reivindica, argumenta, e gera o compromisso com o coletivo.

Ainda com relação ao empoderamento político, destacamos a participação de duas entrevistadas no Movimento Nacional de Catadores/as de Materiais Recicláveis, uma delas inclusive representa os empreendimentos do Estado de Santa Catarina. A mobilização e articulação dos catadores e catadoras no país têm trazido à tona o descaso com a questão ambiental, a importância do desenvolvimento de projetos alternativos de tratamento dos resíduos e o interesse da sociedade civil pela temática. Interessante destacar que grande parte desses trabalhadores/as estão desenvolvendo essa atividade devido a total falta de alternativa. A busca pela sobrevivência, a exploração dos atravessadores, os perigos do trânsito com os carrinhos puxadores também fazem parte do cotidiano desses trabalhadores/as. A possibilidade de participar de encontros apenas de catadores e catadoras, além de dar visibilidade ao movimento, é uma forma de reivindicar melhorias, apoio e políticas públicas. O depoimento a seguir mostra essa articulação:

*A gente vai reivindicar, a gente sabe qual é a dificuldade do catador! Estive em Brasília sete ou oito vezes, Belo Horizonte três vezes, São Paulo. A gente foi pra Caxias do Sul e ficamos uma semana, Porto Alegre, Chapecó, Balneário Camboriú, Florianópolis, buscando idéias e levando. É bom participar, porque daí a gente fica sabendo mais das coisas para buscar melhorias.*

Como vimos, os três tipos de empoderamento acima trabalhados ocorrem de forma articulada e sinérgica.<sup>15</sup> A pesquisa nos mostrou ainda que o processo de empoderar-se é resultado de uma dinâmica grupal e de uma trajetória de vida pessoal. No caso das mulheres, a relação com os companheiros e filhos, a ocupação de espaços públicos, os diferentes níveis de escolaridade, a desigualdade de gênero e as individualidades dão a cada uma o ritmo de sua caminhada, de sua autovalorização, de sua participação.

Junto à trajetória de empoderamento está o potencial de conquista e luta pela cidadania, intimamente relacionado ao domínio de informações, à autovalorização como sujeito histórico e político, à participação, ao sentimento de pertença a um grupo, à vivência de experiências que coloquem em cheque o instituído, a subalternidade e a apatia. Experiências que fazem brotar a indignação e a luta por igualdade e difundem uma mudança na

qualidade de vida das pessoas, uma vez que a recusa em aceitar a desigualdades passa a ser algo incontornável. As "microrrevoltas" passam a ser processos permanentes [...]. A repetição dos atos de dominação e exploração passam a ser desestabilizados [...]. A cidadania deve ser tomada como valor que motive a revolta, oriente o caminho e ofereça meios de melhorar a vida que está sendo vivida (ÁVILA, 2001, p. 58).

Microrrevoltas, mudanças de postura, resgate da auto-estima, potencial de resistência, garantia de vez e voz, transgressão<sup>16</sup>são resultado de uma trama que envolve a construção das identidades, o processo grupal, a cumplicidade, o empoderamento e a cidadania.

A perspectiva da Economia Solidária tem nutrido a utopia da concretização desse processo, que é lento e gradual, em que cada pessoa, cada grupo tem seu ritmo próprio, sua trajetória; considerando que "seu potencial emancipatório e as suas perspectivas de êxito dependem, em boa medida, da integração que consigam entre processos de transformação econômica e processos culturais, sociais, políticos" (SANTOS; RODRIGUEZ, 2002, p. 64).

Assim existe um amálgama que integra todas essas dimensões, sendo que o processo de emancipação, de empoderamento, de conquista da cidadania envolve todas essas esferas concomitantemente. O acesso ao trabalho e à renda fornece às pessoas o sustento, a dignidade; contudo, a construção coletiva do trabalho, a participação, a educação continuada, o envolvimento e o desvelamento das questões sociais potencializam os sujeitos no exercício da cidadania.

As mulheres integrantes dos empreendimentos de Economia Solidária partilham entre si a dinâmica familiar, as relações com seus companheiros, as responsabilidades da maternidade, o questionamento das duplas jornadas e as situações de violência intrafamiliar. Para muitas mulheres, o espaço de trabalho extrapola a lógica da reprodução da força de trabalho, caracterizando-se em local de discussão de alternativas e enfrentamento das dificuldades da vida em todas as suas dimensões. Para Lagarde, as mulheres em processo de empoderamento tem a capacidade de ser

portadoras de mensagens, idéias e valores modernos, de recriar espaços tradicionais e de criar novos espaços para favorecer a causa das mulheres e lograr uma reordenação das relações com os homens. Nesse caminho, de maneira decidida e com suas próprias propostas, as mulheres têm se colocado a favor do desenvolvimento e da democracia (LAGARDE, 1996, p. 158)

Neste sentido, reforçamos a importância de focar o empoderamento das mulheres como condicionante para a construção de uma sociedade mais equânime, democrática e de um modelo de desenvolvimento social que extrapole o enfoque meramente econômico, colocando no centro das atenções e prioridades a vida humana, o atendimento das necessidades, enfim, a sustentabilidade social, política, cultural, ambiental e econômica.

A pesquisa demonstrou que os empreendimentos de Economia Solidária possibilitam o empoderamento de mulheres. No entanto, a análise das entrevistas e o diálogo com os autores supracitados evidenciaram que esse processo é constituído também por desafios a serem superados.

Diante disso, elaboramos uma síntese dessa discussão, elencando alguns desses desafios e possibilidades de empoderamento de mulheres nas iniciativas solidárias.

#### **Desafios:**

- a) Para alcançar o empoderamento é fundamental que as mulheres enfrentem a subalternidade histórica que marca o gênero feminino, reforçada em muitas culturas;
- b) O individualismo a que mulheres e homens são sujeitos também requer ser desconstruído e questionado, para que seja possível a construção do coletivo e o comprometimento com os outros/as;
- c) A apreensão dos conhecimentos, a valorização do saber, a autonomia, o empoderamento são processos constituídos por diferentes ritmos, recebendo interferência histórica, cultural, étnica, política e da trajetória de cada pessoa e grupo;
- d) Para que o empoderamento ocorra em sua amplitude é mister combater o isolamento político, buscando fortalecer as redes de cooperação, que garantem a sustentação do movimento da Economia Solidária;

- e) O empoderamento nas iniciativas solidárias requer superar a busca de trabalho e renda apenas para a subsistência, procurando a politização dos espaços produtivos e decisórios;
- f) Apresenta-se também como desafio o desenvolvimento de uma visão feminista na Economia Solidária, valorizando as subjetividades, os vínculos, as relações e a participação de homens e mulheres.

**Possibilidades:**

- a) Experienciar uma outra lógica de trabalho, de produção, de processo decisório possibilita aos trabalhadores/as o exercício da participação, da representatividade, do debate;
- b) O sentimento de pertença, a empatia vivenciada no grupo, a partilha das dificuldades e conquistas potencializam o aumento da auto-estima, o comprometimento com cada integrante do grupo;
- c) A Economia Solidária, enquanto espaço de politização, intensifica a capacidade de expansão da participação de seus integrantes em outros espaços públicos de decisão, bem como em outros movimentos sociais;
- d) O incentivo à qualificação e à educação continuada trazem consigo o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da capacidade de argumentação e proposição;
- e) O processo grupal caracteriza-se na principal potencialidade da Economia Solidária, pois desafia a construção coletiva, a valorização de cada sujeito, enaltecendo potencialidades e capacidades;
- f) A participação em redes de cooperação, de troca e intercâmbio compreende a vivência da solidariedade, da cooperação, do enfrentamento conjunto dos desafios e da construção de propostas.

Desta forma, reafirmamos as inúmeras possibilidades de empoderamento no âmbito da Economia Solidária. As trajetórias ocupacionais e as trilhas estudadas demonstraram, no entanto, que não estamos em um terreno amorfo, neutro, mas multifacetado, que apresenta potencialidades e fragilidades e que compõe ao lado de outras lutas, a resistência, a indignação, a defesa da sobrevivência e o sonho da qualidade de vida.

*Abstract: This manuscript is about the empowerment process of women in the Solidary Economy Enterprises. The solidary initiatives make possible the existence of life groups, the experience of collective take of decisions, the access to the education, the occupation of the public spaces. We have discussed those themes through the ways of women's empowerment psychological, social and political and we have presented the challenges, possibilities and conquests.*

*Keywords: Women, Empowerment, Solidary Economy.*

*(Recebido e aprovado para publicação em julho de 2005.)*

**Notas**

<sup>1</sup> Os empreendimentos são das áreas têxtil, de alimentos e reciclagem de resíduos sólidos. As entrevistas foram realizadas nos meses de junho e julho de 2004.

<sup>2</sup> Importante evidenciar que alguns autores relacionam a emergência da Economia Solidária a outros elementos, como a prática da cooperação, dos princípios cristãos, da partilha, bem como a influência da Igreja. Cf. Lisboa, 2003.

<sup>3</sup> O processo de acumulação flexível traduz-se na "flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional" (HARVEY, 1992, p.140).

<sup>4</sup> Essas iniciativas solidárias podem estabelecer-se como diferentes estatutos jurídicos: cooperativas, associações, empresa limitada por cotas. Abrangem vários segmentos: produção, serviços, consumo, crédito, habitacionais, entres outros. Consideramos também economia solidária os inúmeros clubes de troca e os clubes de poupança.

<sup>5</sup> Em Oliveira e Cortizo (2004); discutimos a Economia Solidária enquanto um espaço de politização.

<sup>6</sup> Singer também defende a Economia Solidária enquanto um movimento de resistência, que busca a mudança por dentro do capitalismo, aproveitando sua maior contradição que é o desemprego e a exclusão social. Considera que as conquistas históricas dos movimentos operário, feminista, ambientalista etc, do sufrágio universal ao direito a greve, de acesso gratuito à educação e à saúde criaram instituições que *contradizem a lógica capitalista* e portanto são implantes socialistas (2001).

<sup>7</sup> Fonte: [www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br)

<sup>8</sup> A Secretaria Executiva do Fórum Brasileiro de Economia Solidária nos forneceu a lista dos participantes, sendo que a contagem por sexo foi feita por nós. Devido a dificuldade de identificação de alguns nomes, acreditamos que possa haver uma variação de +/- 2% nesse dado.

<sup>9</sup> Na cidade de Blumenau, por exemplo, o mapeamento está uma etapa à frente. Lá foram registrados 15 empreendimentos, totalizando 4182 pessoas. Deste universo 41% são mulheres. Nos empreendimentos das áreas: têxtil alimentos e artesanato a presença das mulheres é de 68% (Dados fornecidos pela Universidade Regional de Blumenau).

<sup>10</sup> O dossiê: "Mulheres na Política, Mulheres no Poder", aborda a trajetória de luta pela ampliação da representação política das mulheres nas diferentes esferas de poder, através das leis de direitos afirmativos e do debate acerca do sistema de cotas e paridade na política. Aborda também depoimentos de mulheres que ocupam cargos públicos, o significado do poder para as mulheres e a articulação entre as esferas do privado e da carreira política (GROSSI; MIGUEL, 2001).

<sup>11</sup> A tese de Lisboa (2000), analisa o processo de empoderamento de mulheres caboclas e aborda a ocupação dos espaços públicos como um dos elementos que constitui um poder afirmativo.

<sup>12</sup> A vivência em grupo explicitou a intersecção entre os marcadores sociais (LOURO, 1997, p.43) de gênero, etnia e classe; bem como a possibilidade de desenvolver uma postura afirmativa, de autovalorização e empoderamento das mulheres negras empobrecidas, que historicamente têm sido triplamente discriminadas.

<sup>13</sup> Os estudos da Profª Fúlvia Rosemberg abordam a escolaridade das mulheres no Brasil e fazem referência aos debates das conferências das Organizações das Nações Unidas, do Movimento de Mulheres, bem como das várias instâncias governamentais, sendo que é consenso a importância de garantir o acesso a escolarização das mulheres, como um meio de reduzir a pobreza e alcançar o desenvolvimento sustentável (ROSEMBERG, 2001). Outra fonte importante é a plataforma da Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher, onde está colocado o desafio aos governos de: "proporcionar a participação igualitária das mulheres no acesso a educação e capacitação" (BEIJING, 1995).

<sup>14</sup> A Prefeitura Municipal de Blumenau, através da Secretaria de Educação em parceria com a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau, iniciou um projeto de Alfabetização de Adultos com o enfoque da Economia Solidária, dirigido aos trabalhadores e trabalhadoras dos empreendimentos da cidade.

<sup>15</sup> Sinergia significa o "comportamento de um sistema complexo, que resulta imprescindivelmente a partir do comportamento de qualquer de suas partes tomadas isoladamente. Foram os químicos os primeiros a reconhecer a sinergia, quando descobriram que toda vez que isolavam um elemento de um complexo, as partes separadas e seus comportamentos isolados jamais conseguiam explicar o comportamento de todas as partes associadas. Neste sentido, a sinergia denota uma forma de *potenciação*, quer dizer, um processo em que a potência dos elementos associados é maior que a potência somada dos elementos tomados isoladamente" (MAX-NEEF, 1986, p. 45).

<sup>16</sup> Lagarde reforça essa perspectiva ao afirmar que "processos de auto-afirmação e empoderamento conduzem à transgressão" (LAGARDE, 1996, p. 213).

## Referências

ANTEAG. Educar para a autogestão. In: *Alternativa concreta de radicalização da democracia, desenvolvimento humano, solidária e sustentável*. Porto Alegre, Fórum Social Mundial, 2002.

ÁVILA, Maria Betânia (Org.). *Textos e imagens do feminismo: mulheres construindo a igualdade*. Recife: SOS Corpo, 2001.

BEIJING. CONFERÊNCIA MUNDIAL DA MULHER, 4., [S.l.], 1995. Disponível em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/Beijing/platform/index.html>> Acesso em:

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRIDEMANN, John. *Empowerment Uma política de desenvolvimento Alternativo*. Oeiras: Celta, 1996.

GALEOTTI, Anna Elisabetta. Cidadania e diferença de gênero. O problema da dupla lealdade. In: BONACCHI, Gabriela; GROPPi, Ângela (Org.). *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1995. p.235-262.

- GROSSI, Miriam Pillar; MIGUEL, Sônia Malheiros. Dossiê: Mulheres na política, mulheres no poder. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 9, 2001.
- HARVEY, David. *Condição pós – moderna*. São Paulo. Ed. Loyola, 1992.
- HELD, David. Desigualdades de poder, problemas da democracia. In: MILIBAND, David. *Reinventando a Esquerda*. São Paulo: Unesp, 1997. p.67-91.
- LAGARDE, Marcela. *Gênero y Feminismo: desarrollo humano y democracia*. Madri: HORAS & HORAS, 1996.
- LISBOA, Armando de Melo. *Economia Solidária, economia barroca: a emergência da socioEconomia Solidária na América Ibérica*. 2003. Tese (Doutorado)- Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2003.
- LISBOA, Armando de Melo. Desenvolvimento, uma idéia subdesenvolvida. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 161, p. 11-21, 1996.
- LISBOA, Teresa Kleba. *Trajetórias de vida: um aporte investigativo para a construção de conhecimento em Serviço Social*. 2004. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes*. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Chapecó: Argos, 2003a.
- \_\_\_\_\_. *Constituindo identidades, afirmando diferenças – mulheres migrantes caboclas e a aculturação no espaço urbano*. Trabalho apresentado no II Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais: Identidade, diferenças e mediações. Florianópolis, abr. 2003b.
- \_\_\_\_\_. Mulheres migrantes de origem cabocla e seu processo de empoderamento. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, p.131-149, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Heróínas em luta na conquista de suas glórias: um estudo sobre o processo de empoderamento das mulheres nas comunidades de periferia de Florianópolis*. 2000. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MANCE, Euclides André. Redes de colaboração solidária. In: CATTANI, Antonio David (Org). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003. p. 219-225.
- MARRÉ, Jacques Léon. História de vida e método biográfico. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, jan./jul. 1991.
- MAX-NEEF, Manfred. *Desarrollo a escala humana: una opción para el futuro*. Chile: Cepaur; Suecia: Fundación dag hammarskjöld, 1986.
- NOBRE, Miriam. Mulheres na economia solidária. In: CATTANI, Antonio David (Org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003. p.205-211.
- OLIVEIRA, Adriana Lucinda. *O processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária*. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- \_\_\_\_\_; PEDRINI, Dalila Maria. Muitas mãos tecendo juntas: a rede de economia solidária do Vale do Itajaí. In: CALDERÓN, Adolfo Ignacio (Org.). *Ação comunitária*. Uma outra face do ensino superior brasileiro. São Paulo: Olhod'água, 2004. p.115-131.
- \_\_\_\_\_; CORTIZO, Maria Del Carmen. A economia solidária como espaço de politização. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 80, p.82-93, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A atuação da incubadora tecnológica de cooperativas populares da universidade regional de Blumenau*. a economia solidária no debate acerca do desenvolvimento regional. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)-Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, 2002.
- ROSEMBERG; Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 9, jul./dez. 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa; RODRÍGUEZ, César. Para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. Um novo conceito de socialismo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 de nov. 2001. Caderno A3.

Disponível em: <<http://www.fbes.org.br>>